

## Torre do Castelo de Aguiar de Sousa: resultados preliminares de uma sondagem arqueológica

*Maria Antónia Silva\**

### Resumo

A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, designação atribuída pela equipa do Projecto *Rota do Românico do Vale do Sousa* (RRVS), da qual faz parte integrante, é um testemunho histórico-arqueológico enraizado na consciência da comunidade local pelo topónimo Castelo.

No âmbito daquele Projecto que pretendia executar trabalhos de valorização patrimonial tornava-se necessário avaliar o potencial arqueológico do sítio.

Numa articulação entre a equipa da RRVS e o Município de Paredes, o Gabinete de Arqueologia e Património realizou uma sondagem arqueológica que permitiu, efectivamente, constatar a importância do seu estudo para o melhor conhecimento da organização do território medieval no Vale do Sousa.

Como resultado dos trabalhos arqueológicos apresentam-se algumas evidências relativas às estruturas construtivas e defensivas e algum espólio de metal, de cerâmica doméstica e de cobertura.

### Abstract:

The Tower of Castle of Aguiar de Sousa, title given by the Rota do Românico do Vale do Sousa Project team (RRVS) that has it as an integrant part, is an historical-archaeological testimony ingrained in the minds of the local community by the toponym Castle.

In the scope of that Project, that intended to execute works of patrimonial valuation, it was necessary to evaluate the archaeological potential of the place.

The Archaeology and Patrimony Cabinet, working in articulation with RRVS team and the City Hall of Paredes, carried out an archaeological poll witch truly allowed us to notice the importance of its study for the best knowledge of the medieval organization of the territory in Vale do Sousa.

As a result of archaeological works, a few evidence concerning the constructive and defensive structures as well as some metal remains, home ceramics and roofing are presented.

---

\* Arqueóloga. Gabinete de Arqueologia e Património do Município de Paredes.

## 1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de Aguiar de Sousa surgem como consequência da sua inclusão no circuito turístico-cultural denominado de Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS). Este projecto contempla várias fases de intervenção entre as quais a do “Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolturas aos Monumentos” que prevê execução de trabalhos com vista à compreensão e fruição do monumento. Este facto impunha, naturalmente, um diagnóstico prévio do potencial arqueológico do sítio.

Numa articulação entre a equipa da RRVS e o Município de Paredes, o Gabinete de Arqueologia e Património fez o acompanhamento durante a desmatagem e executou trabalhos de limpeza e de sondagem arqueológica. Os trabalhos realizados foram ainda desenvolvidos no âmbito da intervenção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Norte com a colaboração da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, entidades responsáveis pelo respectivo projecto de estudo e valorização.

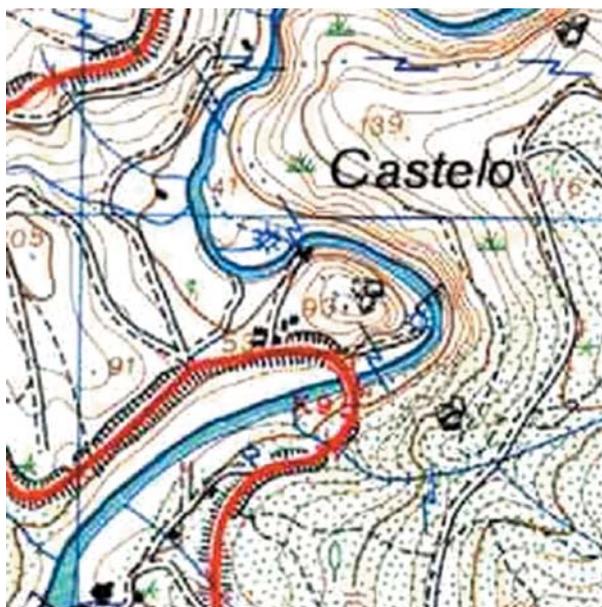


Figura 1. Localização geográfica do Castelo de Aguiar de Sousa. Carta militar 1:25.000, Folha 123



Figura 2. Castelo visto de Sudeste.

Com este texto pretende-se dar a conhecer os resultados preliminares dos trabalhos realizados pelo que oportunamente se divulgará um estudo mais detalhado.

## 2. Localização e caracterização geomorfológica

O Castelo de Aguiar de Sousa localiza-se no lugar da Vila, actualmente Travessa do Castelo, freguesia de Aguiar de Sousa, concelho de Paredes.

De acordo com as coordenadas de Sistema de Projectão cartográfica de Gauss a sua localização é:

X = 174 412,5

Y = 463 750,0

Altitude – 92 metros

Carta militar 1:25.000, folha nº 132. (Fig.1).

Caracteriza-se por uma elevação cónica (Fig.2) que faz parte do Anticlinal de Valongo, constituída por rochas matassedimentares, xistos e grauvaques do Complexo Xisto-Grauváquico, com intercalações de conglomerados, essencialmente quartzosos, que de uma forma geral, tal como os materiais xistosos, apresentam orientação NO-SE (Fig.3).

O rio Sousa contorna-o por NE/SO, originando uma curva de 180° e um vale apertado, deixando em evidência vertentes perfeitamente verticais que o limitam (Rebelo 1975), conferindo-lhe condições naturais de defesa, claramente definidas pelos lados Norte e Este constituídos por escarpas quartzíticas, enquanto dos

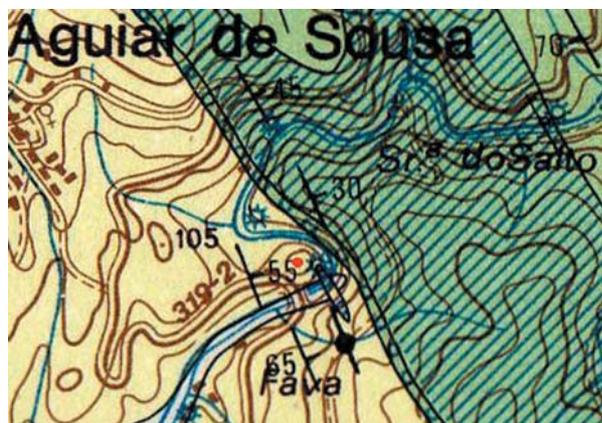


Figura 3. Geologia da região do Castelo de Aguiar de Sousa. Carta 1:50.000, 9 -D Penafiel

lados Oeste e Sul compostos por xisto, as vertentes são de menor pendor, permitindo a formação do caminho e de pequenos socialcos, entretanto humanizados pela prática da agricultura.

Toda a área, excepto a vertente Oeste, está tomada por floresta de pinheiros e eucaliptos, dois destes de dimensões significativas, localizados no topo e que têm servido como ponto de referência locativa à distância. Ocorrem, também, espécies espontâneas como o medronheiro, o sobreiro, a oliveira, o loureiro em simultâneo com as mimosas e os matos, estes últimos considerados infestantes.

### 3. Historiografia

A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, designação atribuída pela equipa da RRVS, da qual faz parte integrante, é um testemunho histórico-arqueológico enraizado na consciência da comunidade local pelo topónimo Castelo.

Apesar de não haver memória ou registo de trabalhos arqueológicos no Castelo, a documentação, embora também não abundante, vai contribuindo com algumas evidências históricas que nos permitem conhecer e traçar a sua evolução.

O Castelo de Aguiar de Sousa tem sido apontado

como lugar fortificado de interesse estratégico para as terras do Vale do Sousa, desde o século X, altura em que as crónicas cristãs referem a tomada do castelo pelo Almançor quando das suas incursões para Santiago de Compostela (Almeida, 1980:16)<sup>1</sup>. As suas características geomorfológicas conferem-lhe uma implantação estratégico/defensiva que, poderá enquadrar-se no tipo de organização territorial asturo-leonesa, nos séculos IX-X (VV.AA, 2006).

A importância local e estratégica contribuiu, certamente, para a ascensão a cabeça de *terra*, quando o território da *civitas* de Anegia terá sido dividido, a partir dos meados do século XI, surgindo referenciada pela primeira vez como “terra de Aguiar” em 1066 (Barroca, 1990/91; Lima, 1994)), altura da afirmação dos castelos cabeça-de-terra, na região Entre-Douro-e-Minho que, garantiam a segurança das populações.

Nas Inquirições de 1258, o interrogatório é dirigido aos “homens do castelo de Aguiar e aos paroquianos da Igreja de S. Romão”, onde se define o dever dos moradores assegurarem a guarda do castelo em caso de guerra. A sua autonomização evidencia-se como centro administrativo judicial, sendo a cabeça do julgado da região do Baixo Sousa, o - “Julgado de Aguiar de Sousa”.

Pela documentação depreende-se que, a partir dos finais do século XIII, o castelo entra num estado de abandono, talvez, como consequência da estratégia política adoptado por D. Dinis, relativamente ao sistema militar e defensivo no interior do reino (Barroca, 1985/1986). A entrada em decadência do castelo constatada-se quando em meados do século XIV os moradores de Aguiar de Sousa comprometem-se perante o rei em reconstruir o castelo e a pagar uma determinada quantia por ano, ficando em troca dispensados de trabalhar na construção das muralhas do Porto, para as quais a população de Aguiar de Sousa, entre outras, haviam sido incumbidas da referida tarefa (Sousa, 1994:137).

Em 1747, Pe. Luís Cardoso já menciona a existência de vestígios de um castelo, pegado à ponte de pau.

<sup>1</sup> A propósito desta referência histórica remete-se para a leitura do texto de Antónia Manuel Lima – “A Importância estratégica do Vale do Sousa na época da “Reconquista Cristã” (séc.IX-X)” - apresentado nas Jornadas e também publicado nestas Actas, cuja análise contribui para uma nova reflexão quanto ao eventual papel do Castelo de Aguiar de Sousa e da região, nos finais do século X.

Em 1758, as “Memórias Paroquiais” de Aguiar de Sousa confirmam o castelo em estado de ruínas, assim como a transferência do seu papel como cabeça de concelho para o lugar das Paredes, da freguesia de Castelões de Cepeda, conforme nos é narrado, também, nas “Memórias Paroquiais “correspondentes, onde já haveria casa de audiências, conduzindo à sua substituição definitiva, quando da reforma administrativa no primeiro quartel do século XIX, em que o concelho de Aguiar de Sousa é extinto e a freguesia homónima é integrada no recentemente criado concelho de Paredes (Barreiro, 1922).

Nos finais do século XIX, num ambiente cultural de revivalismo, a Câmara Municipal, presidida pelo Conselheiro José Guilherme Pacheco, terá deliberado a reconstrução de uma estrutura já existente assim como a abertura de “...um caminho muito íngreme, por onde, com extrema dificuldade se sobe ao cimo.” (Barreiro, 1922: 244).

No início do século XX, descrevia-se o castelo como tendo vestígios de paredes com mais de 2m de altura e fortemente argamassadas (Barreiro, 1922:697).

Em 1940, nas Comemorações da Restauração, a freguesia de Aguiar de Sousa aderiu às manifestações tendo-se realizado, entre outras iniciativas, uma visita ao castelo por parte das entidades locais, tendo-se para isso, executado trabalhos de restauro e limpeza das ruínas (Livro de Actas, 1940 e Silva, 2007)<sup>2</sup>.

## 4. Trabalhos Arqueológicos

### 4.1. Desmatação

Perante a densidade e o crescimento selvagem de vegetação que ocultava a visibilidade e o acesso às ruínas, os trabalhos iniciaram-se pelo acompanhamento da desmatação das espécies vegetais infestantes, man-



Figura 4. Panorâmica do Castelo antes da desmatação.

tendo-se os elementos arbóreos espontâneos como o medronheiro, a oliveira, o loureiro, o sobreiro.<sup>3</sup> (Fig.4).

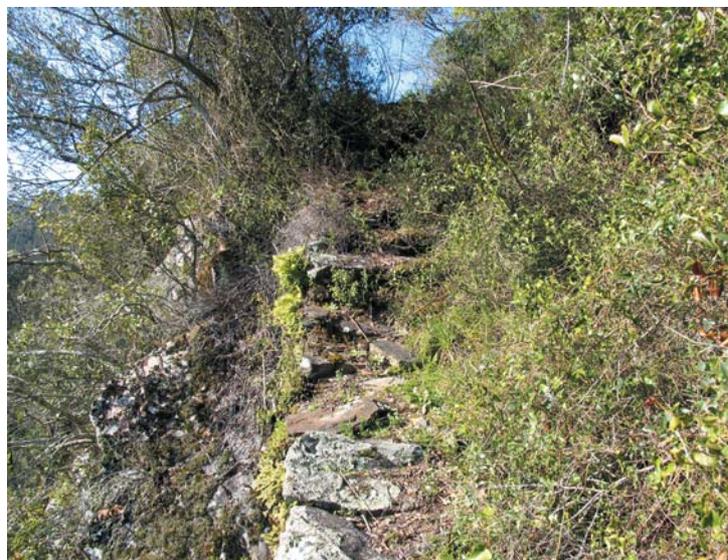
A percepção do sítio tornou-se mais clara permitindo-nos observar, de imediato, algumas evidências e orientar, de forma mais concreta, a intervenção.

O acesso íngreme era completamente irregular, identificando-se, já quase no topo, a existência de degraus (re)construídos em 1940. (Fig.5).

Na plataforma superior, de orientação NO/SE, sobressai uma torre com a forma de quadrilátero, irregu-

<sup>2</sup> A Junta de Freguesia de Aguiar de Sousa solicitou à Câmara Municipal a quantia de 550\$00 para a execução dos trabalhos (*Livro de Actas da Junta de Freguesia de Aguiar de Sousa (1923-1955)*, 23 de Junho e 14 de Julho de 1940), cuja execução é posteriormente confirmada através da imprensa local. Cfr. Aguiar de Sousa e o Duplo Centenário. *O Progresso de Paredes*. (24 Agosto 1940) nº504 e 1140 – 1640 – 1940 Festas Centenárias no Concelho de Paredes. *O Progresso de Paredes*. (10 Agosto 1940) nº 502. As intervenções devem corresponder a uma nova consolidação das juntas da torre, à construção de degraus de acesso, à colocação de pretensas ameias e eventualmente à reconstrução do muro envolvente.

<sup>3</sup> Neste acompanhamento colaborou Maria João Moreira Nunes – Eng.<sup>a</sup> do Ambiente e Território da Divisão do Ambiente da Câmara Municipal de Paredes.



**Figura 5.** Acesso ao topo do Castelo

lar, de implantação descentrada (Fig.6) e envolvida por uma linha de muros defensivos, dos quais só a face exterior era identificável, e que delimitam uma área cujo comprimento é de 25 metros e de largura 11 metros, seguidos de ravinas acentuadas. Na vertente Norte, num desnível de cerca de 9 metros identificou-se, também, uma pequena plataforma. (Fig.7).

Diante as evidências procurou-se identificar o tipo de muros quanto à sua largura e técnica construtiva, assim como, realizar três sondagens distribuídas, uma no interior da torre, outra na plataforma superior, sensivelmente a meio, junto ao muro nordeste e outra na plataforma inferior, a noroeste.

#### 4.2. Limpeza dos muros

O topo do morro corresponde a uma plataforma a que designamos de superior que, pela sua planura sugere ter sido alvo de uma “terraplenagem”, com inclinação ascendente de NO/SE, rematada por uma linha de muros, só visível pelo exterior. Relativamente a estes muros desenvolveu-se um trabalho de limpeza dos elementos vegetais, decapou-se a camada humosa pela parte superior, tornando-se visível a respectiva coroa (Fig.8). A Este e a Oeste surge, pelo lado exterior e a um nível mais baixo, um se-

gundo muro aparentemente adossado (Fig.9). Esta limpeza não foi total, pelo lado Este, por verificarmos que a face do muro externo se encontrava rebocado, mantendo-se, assim, protegido pelo derrube, impedindo eventual degradação, até ser convenientemente estudado.

Quanto à técnica construtiva, os muros são de aparelho regular, de alvenaria de xisto e quartzito, por vezes, interrompidos pelo aproveitamento dos afloramentos rochosos e preenchidos pelo interior, por pequenos fragmentos de xisto. Os cantos do lado Sul são de configuração arredondada. A coroa do muro superior tem uma largura média de 50 cm.

Na plataforma inferior, o muro que sustém as respectivas terras prolonga-se para sul, desaparecendo pelos sucessivos desabamentos da plataforma superior.

#### 4.3. Sondagens

##### 4.3.1. Sondagem 1 – interior da torre

A Torre foi alvo de intervenções nos finais do século XIX e em 1940 de que terá resultado a elevação, a consolidação, o rasgo da abertura e a construção de degraus. Ao longo dos tempos deu-se a acumulação, no interior, de uma espessa manta morta, raízes e en-



**Figura 6.** Panorâmica da plataforma superior após a desmatção.

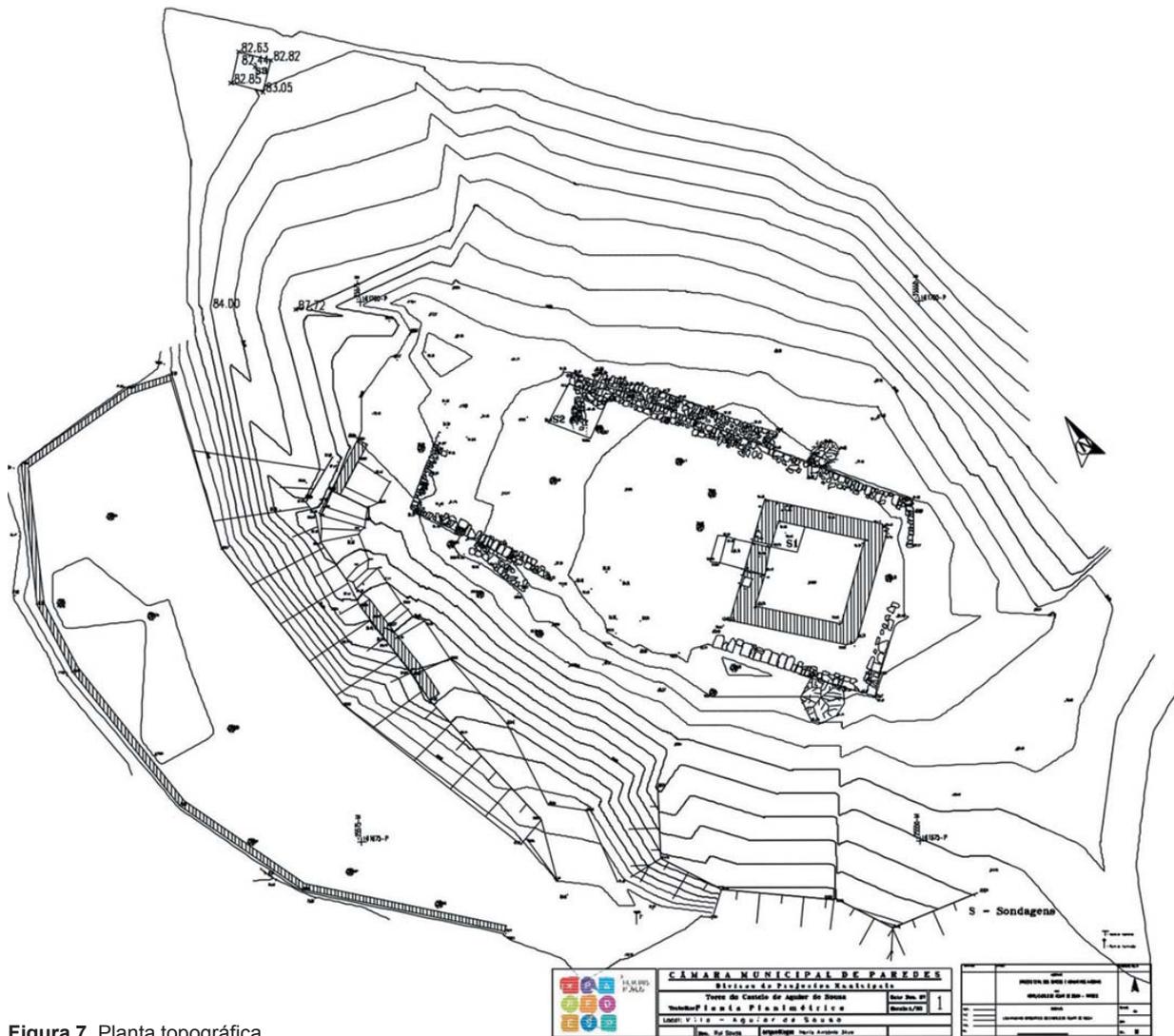


Figura 7. Planta topográfica



Figura 8. Coroa do muro.

tulho, constituído por pedras de grandes e médias dimensões (Fig. 10).

A torre define-se por planta quadrilátera irregular, de aparelho regular em lajes de xisto e quartzito, assentes em argamassa, rematada por pretensas ameias, de xisto e granito, na maioria actualmente derrubadas, mantendo-se apenas duas ainda *in situ* e com uma abertura, voltada a NO, com três degraus para o acesso.

Dimensões:

Largura Interna: 400cm x 390cm

Altura:

Externa – 235cm

Interna – 230cm (antes da limpeza)

Espessura: 87cm



Figura 9. Panorâmica dos muros após a limpeza.

Abertura:

Largura: 140cm

Altura: 106cm

Retirou-se o entulho acumulado e fez-se uma sondagem, de 120cm/120cm, junto às paredes do vértice



Figura 10. Interior da Torre antes da limpeza.



Figura 11. Implantação da sondagem no interior da Torre.

nordeste, cuja estratigrafia é a seguinte (Fig.11 e Fig.12):

Camada 0.0 – Manta morta sob terra solta com raízes e pedras

Camada 0.1 - Camada de argamassa solta de cor acinzentada

Camada 0.2 – Terra de cor castanha, com pedras e nódulos de argamassa

Camada 0.3 – Terra mais fina de cor castanha

- Estrato rochoso

Nesta sondagem verificou-se que a rocha mãe se apresenta de forma irregular tendo condicionado ou determinado o enchimento do interior e o assentamento dos alicerces, pelo que nos parece ter havido um primeiro nivelamento com terra seguido de um segundo nivelamento com terra e pequenas pedras, a partir do qual arrancam os alicerces, alisado por sua vez por uma camada de 20cm de pó solto de cor acinzentada. Esta última

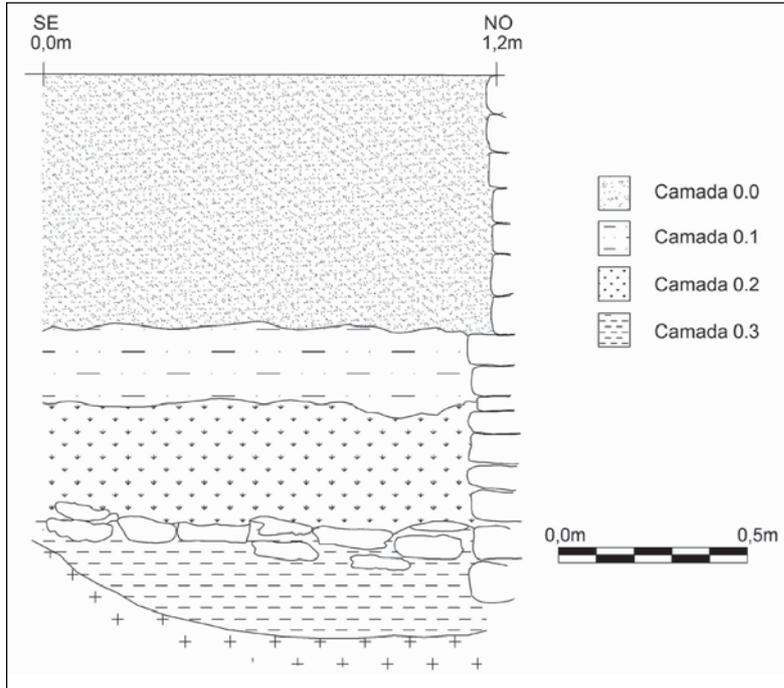


Figura 12. Corte estratigráfico do interior da Torre.

camada está ao nível do fim do alicerce, ao mesmo tempo que oculta o ponto mais elevado da rocha mãe que emerge sensivelmente ao centro do interior da Torre. Daí para cima, a terra e as pedras soltas são provenientes de entulho aí depositado.

O alicerce assente na rocha mãe tem cerca de 80cm de altura.

À excepção de alguns fragmentos de cerâmica de cobertura (*imbrices*) que apareceram à mistura com a camada correspondente ao entulho, esta sondagem no interior da torre foi manifestamente estéril quanto a espólio.

#### 4.3.2. Sondagem 2 - Plataforma superior

A segunda sondagem efectuou-se junto à face interior do muro do lado NE, com 200cm/200cm, tendo por objectivo, entender estrutural e funcionalmente esta evidência.

Apesar de se não ter atingido

o estrato rochoso a estratigrafia caracteriza-se da seguinte forma (Fig.13):

Camada 0.0 – Camada superficial. Terra de tom cinzento-escuro, com muitas raízes, pedras miúdas e areia.

Camada 0.1. – Terra muito preta, com muitas pedras de grande porte

Camada 0.2. - Terra de tom castanho, com muitas raízes e muitas pedras de pequenas e médias dimensões.

Camada 0.3. - Terra muito preta, homogénea, com muitas pedras de grandes e médias dimensões.

Camada 0.4. – Terra de tom castanho-escuro, homogénea e compacta.

Camada 0.5.- Terra de tom castanho amarelado, barrenta, muito compacta.

Após a decapagem da camada vegetal transitou-se para uma camada de terra mais escura com mais de quatro centenas de fragmentos de *imbrices*, resultado da queda de uma provável cobertura.

A 40cm de profundidade, aparecem-nos pedras de derrube, de grandes dimensões, de configuração oblonga, com orientação O-E e terra carbonizada com muito espólio cerâmico de uso doméstico, visivelmente testemunhado pela presença de fuligem nas paredes exteriores dos fragmentos. Esta camada apresenta-se

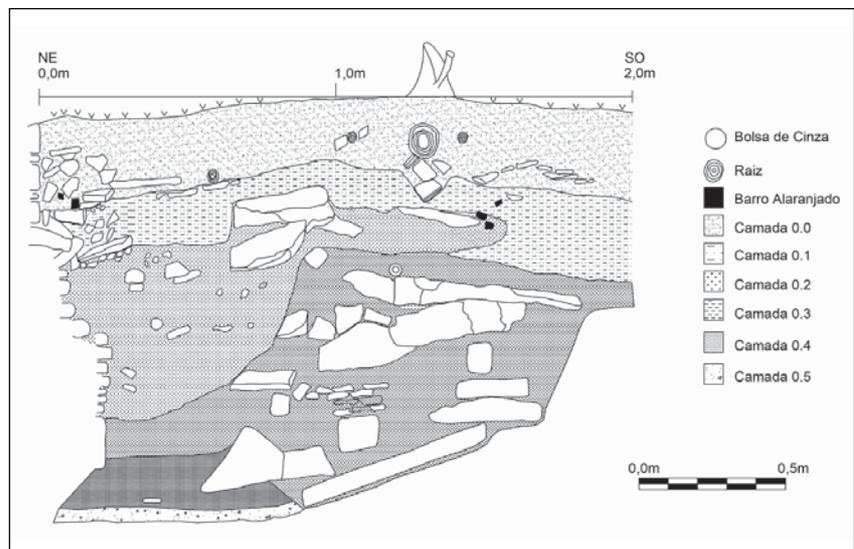


Figura 13. Corte estratigráfico relacionado com a muralha.



Figura 14. Face do muro perpendicular à muralha.

revolvida pelos derrubes e pela abertura de uma vala com cerca de 50cm de profundidade junto à muralha para a sua (re)edificação, tendo sido preenchida com pedras miúdas e areia fina.

A desmontagem de algumas pedras de derrube, pôs em evidência, um muro orientado de Sul para Norte. Trata-se de uma estrutura rectilínea de aparelho regular, visível, apenas, por uma face, uma vez que a outra está muito destruída. É composta por blocos de tamanho médio, assentes numa argamassa de cor amarelada (Fig.14) e o interior preenchido por pedras miúdas. Encontra-se muito destruído junto à muralha, percebendo-se, porém, que os seus alicerces entram por debaixo daquela, mantendo para sul a altura máxima de 84cm (Fig.15).

A dissemelhança entre as pe-

dras de derrube e as deste muro leva-nos a admitir que não pertenciam à referida estrutura mas, provavelmente a alguma construção mais tardia, embora não detectada.

Relativamente ao muro defensivo verificou-se a existência da muralha primitiva que correspondia ao muro mais baixo, identificado inicialmente pelo exterior, numa largura total de cerca de 150cm, sobre o qual terá sido construído um outro muro mais estreito, com cerca de 50cm de largura. Na construção da muralha, considerada primitiva, foi utilizada uma argamassa de tom cinzento claro com adição de conchas de bivalves, enquanto no muro que se lhe sobrepõe, apenas, vestígios de areia solta (Fig.16).

Cerâmicas com fundos em disco, decorados por impressões digitadas, meandros e punções sob bandas de aplicação plástica, assim como um fragmento de base de lareira em barro, com incisões curvilíneas numa das faces, estão associadas às duas últimas camadas.

#### 4.3.3. Sondagem 3 – plataforma inferior

Na plataforma inferior realizou-se uma sondagem com 150cm/150cm do lado norte junto ao muro. Depois de limpa a camada vegetal caracterizada por manta morta e muitas raízes surgiu uma camada de terra homogénea, de cor muito escura, com inúmeros fragmentos de cerâmica de cobertura (*ímbrices*), à mistura com



Figura 15. Muro perpendicular à muralha, face destruída.



Figura 16. Face interior da muralha

cerâmica doméstica muito fragmentada, de cor preta. O aparecimento de uma bancada quartzítica a oeste diminuiu a área da sondagem pelo que esta ficou incompleta.

Os numerosos fragmentos cerâmicos quase à superfície relacionam-se, possivelmente, com o facto de ser a base de um declive acentuado e consequentemente, resultado de escorrências.

## 5. Espólio

### 5.1. Cerâmica doméstica

Inventariaram-se 419 fragmentos de cerâmica doméstica distribuídos por: 41 bordos; 12 fundos; 31 decorados; 4 asas e 331 sem forma.

Na sondagem 2 a distribuição da cerâmica pelas camadas estratigráficas concentra-se em maior quantidade nas camadas 0.1 com 86 fragmentos e na 0.5 com 61 fragmentos.

A análise dos fragmentos revelou, de modo geral, pastas homogêneas com quartzo de tamanho grande e médio, mica branca e preta, perfeitamente visíveis nas superfícies, pese embora o facto da mica preta ser visível, apenas, nos fragmentos das camadas 0.1 a 0.3.

A cozedura é maioritariamente reductora apesar de presenciarmos alguns exemplares de cozedura tendencialmente oxidante. As tonalidades variam dentro da cor cinzento (claro, escuro ou muito escuro)

chegando mesmo a serem negras e com muitas manchas de cozedura. Os raros fragmentos oxidados apresentam cores rosadas ou beges.

Na maioria dos fragmentos não se observam marcas do uso do torno e quando existem são irregulares e pouco vincadas. O acabamento é manual, as superfícies internas são frequentemente desprovidas de alisamento e as externas são maioritariamente rugosas não obstante mostrarem vestígios de um simples alisamento.

A fuligem aparece em muitos fragmentos apontando o seu uso no fogo doméstico, confirmado pelo predomínio da forma tipo panela.

No que respeita às formas e apesar de se acharem muito fragmentadas identificaram-se panelas, taças, alguidares e talhas (Fig. 17 e Fig. 18). Na camada 0.1 a cerâmica apresenta um som metálico ao toque e os bordos tendem a verticalizarem-se (Fig. 17, 7 e 8), contrariamente com o que sucede com os das camadas inferiores em que predomina o perfil em “S”. Os diâmetros das formas mais fechadas variam entre os 10 e os 20 cm enquanto as talhas e o alguidar ultrapassam os 30 cm (Fig. 18, 7 e 8).

Os fragmentos de asas são em fita e um deles apresenta punções dispersas na superfície superior.

Os fundos são planos e angulosos pelo exterior na ligação com o bojo, sendo mais suaves pelo interior (Fig. 19). Destacam-se dois fragmentos de fundo em disco, decorados por impressões digitadas que surgiram nas camadas 0.4 e 0.5. (Fig. 19, 5 e 6; Fig. 20), associados ao muro rectilíneo da sondagem 2. Apesar de este tipo de fundo se relacionar com horizontes cronológicos que variam entre os séculos XI–XIV (Alarcão, 1974; Almeida et al, 1981; Barroca, 1988; Rodrigues e Rebanda, 1995; Queiroga, 1984), no caso presente supomos que a baliza cronológica se situa entre os séculos XI–XII.

Nos 31 fragmentos com decoração predominam as técnicas de incisão; punção simples; impressões e aplicação plástica. A gramática decorativa tem por base os meandros, pequenas punções de tendência circular

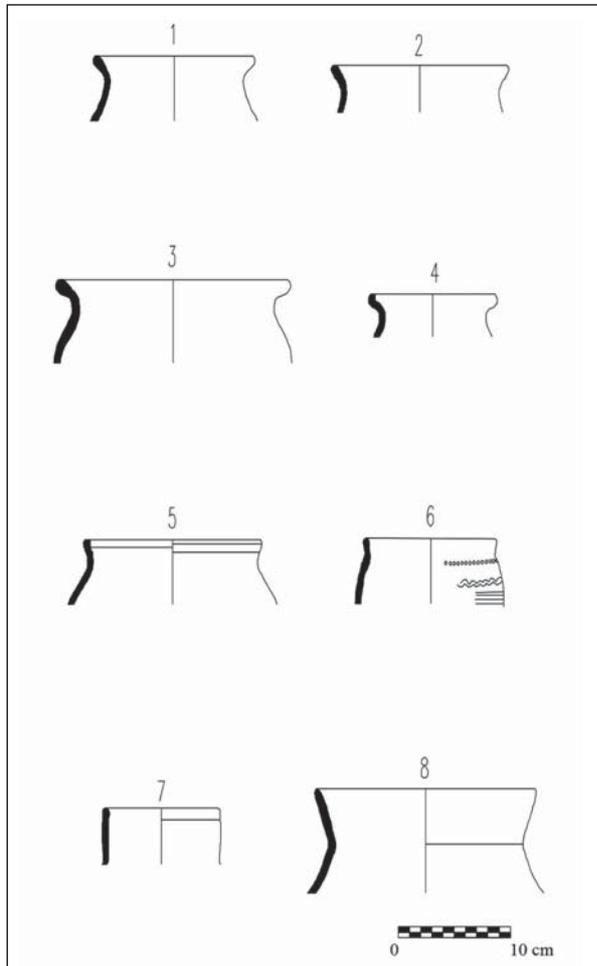


Figura 17. Formas cerâmicas - painelas

colocados no início do bojo e cordões de aplicação plástica puncionados ou com impressões digitadas.

Destaque-se, um fragmento de base de lareira(?) com linhas incisadas proveniente da camada 0.5..

### 5.2. Cerâmica de cobertura

A cerâmica de cobertura é constituída só por *imbrices* que se distribuem pela superfície e fundamentalmente na camada 01 tendo-se contabilizado na totalidade cerca de 2000 fragmentos.

Caracterizam-se por pastas homogêneas com grãos de quartzo muito grandes, ultrapassando por vezes o 15mm. A cozedura ocorreu em ambiente oxidante, cujas cores variam entre o tom laranja, rosado e bege. Dois dos fragmentos, têm impressões de pequenas folhas de fetos nas superfícies externas.

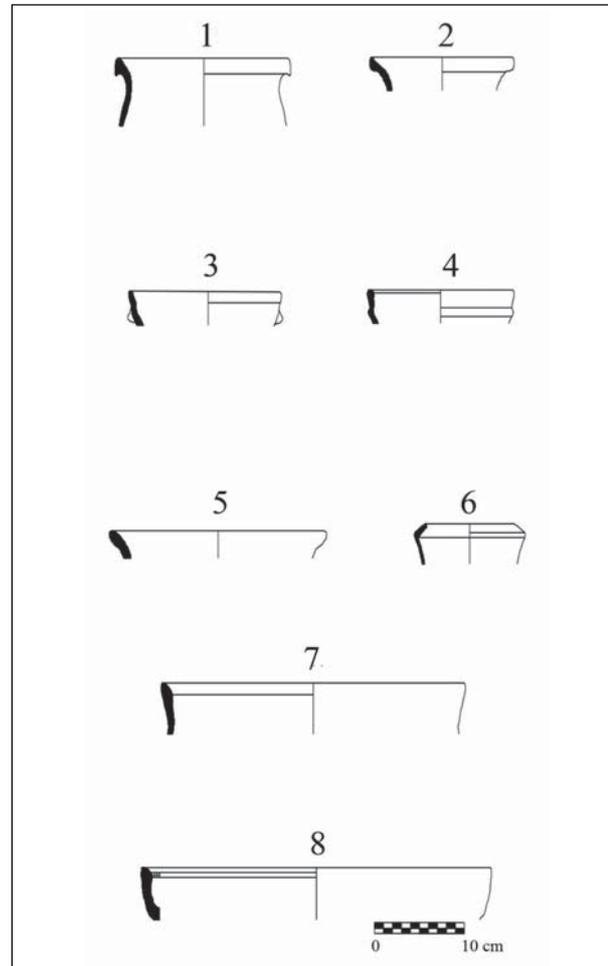


Figura 18. Formas cerâmicas – painelas, taças, talhas e alguidar.

### 5.3. Espólio metálico

Os objectos metálicos recolhidos são de ferro, encontram-se muito oxidados. A descrição e as medidas foram realizadas antes de serem submetidos a um tratamento laboratorial para a conservação e estagnação da oxidação, pelo que posteriormente poderão apresentar algumas diferenças.

As características são as seguintes:

- a) Faca/foice de ferro, muito oxidado, de secção triangular, encurvada, fracturada e arredondada na ponta, arranque de cabo espalmado (Fig.21).  
Comprimento máximo – 128mm  
Largura máxima – 30mm  
Largura mínima – 5mm  
Espessura média - 6mm

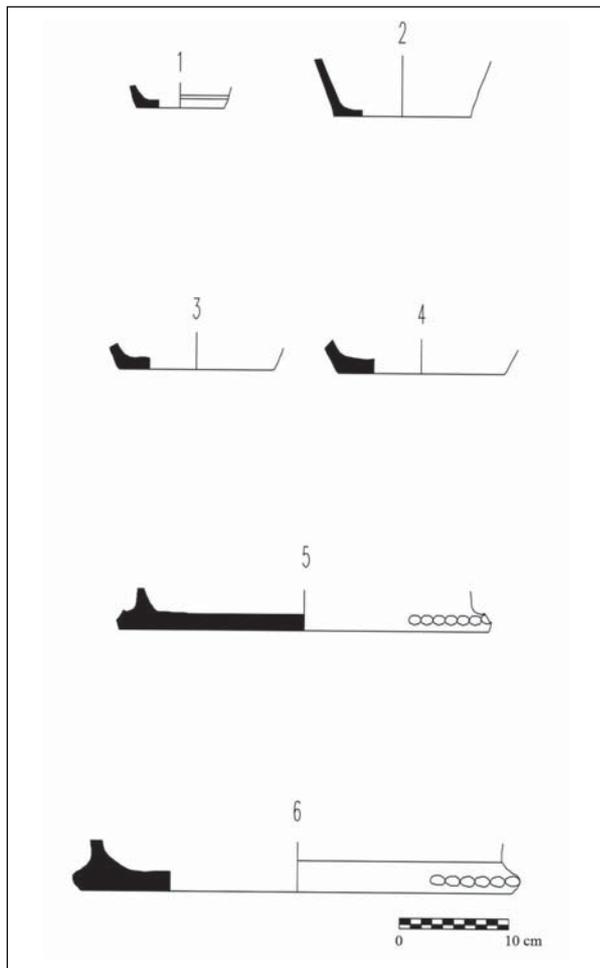


Figura 19. Fundos



Figura 21. Fundo em disco com impressões digitadas.



Figura 22. Faca/foice

b) Prego de ferro, muito oxidado, de secção quadrangular, curvado, com a ponta revirada, cabeça circular em losango (Fig.22).

Comprimento máximo – 120mm

Espessura máxima – 8mm

Espessura mínima – 5mm

Diâmetro da cabeça – 7mm

c) Ponta de seta, de ferro muito oxidado, de configuração triangular, com duas aletas, uma das quais fragmentada e dobrada. Cabo rasgado e de alvado (Fig.23).

Comprimento máximo – 58mm

Largura máxima – 40mm

Espessura média – 5mm

d) Fragmento de haste de ponta de seta(?), de ferro, muito oxidado.

Comprimento – 8mm

Espessura – 6mm

e) Cabeça de prego (rebite?) de ferro, muito oxidado, de secção circular, pé fragmentado(?)

Comprimento – 13mm

Diâmetro da cabeça – 11mm

A faca/foice e o prego surgiram na passagem da camada 0.3 para a 0.4 e têm características tipológicas análogas aos exemplares encontrados no Castelo de Aguiar da Pena (Barroca, 1985/1986).



Figura 23. Prego

A ponta de seta de duas aletas apareceu na sondagem 3, na camada 0.1, provavelmente resultado de escorrência, devido ao acentuado declive do terreno, apesar de por analogia, poder-se enquadrar numa cronologia mais lata, entre os séculos XII-XIV.

### 6. Considerações finais

O estabelecimento de uma correlação entre a documentação escrita, a estratigrafia e o espólio permite-nos apontar uma baliza cronológica de ocupação, da Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, entre os séculos XI- XII e finais do século XIV.

Tendo em conta, porém, que as sondagens efectuadas não atingiram o estrato rochoso, à excepção da sondagem no interior da torre, a continuação da escavação poderá fornecer dados referentes a uma ocupação mais antiga.

De qualquer forma, cremos que os trabalhos desenvolvidos contribuíram para: avaliar o potencial arqueológico do sítio; confirmar a importância histórica apontada pelas fontes documentais; reforçar, a relevância como valor patrimonial integrante na Rota do Românico do Vale do Sousa; enriquecer o conhecimento da história local e sobretudo consciencializar quanto à necessidade de se dar continuidade à investigação histórica e arqueológica na Torre do Castelo de Aguiar de Sousa.

## Bibliografia

### Fontes impressas

ALARCÃO, J. (1974) – Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga. Biblos. Coimbra. 8 (Suplemento)

ALMEIDA, C.A.F. de (1980) – Os Castelos de Aguiar de Sousa e de Vandoma/Baltar. *Boletim Municipal*. Câmara Municipal de Paredes. N.º 3, p.15-17.

ALMEIDA, C.A.F. de *et al* (1981) – Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de ponte de Lima*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima. nº3 (separata)

BARREIRO, J. (1922) – *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia de Laura Couto & Pinto

BARROCA, M.J.; MORAIS, A.J.C. (1985/1986) – A terra e o castelo – uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena. *Portugália*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série. Porto: FLUP. Vol.VI/VII, p.35-88. Est.

BARROCA, M.J. (1988) – A ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem. *Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Arqueológicos do Porto. FLUP. N.º17, p.159 -171.

BARROCA, M. (1990/91) – Do castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc.IX-XIII). *Portugália*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série. Porto: FLUP. Vol. XI-XII, p.90-136.

COELHO, M. F. (1988) – *Monografia do Concelho de Paredes. I – Freguesia de Aguiar de Sousa*. 1.ª ed. Gráfica de Paredes: Câmara Municipal de Paredes, 1988.

LIMA, A. M. C. (1994) – *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (sécs.IX-XII)*. Dissertação de Mestrado de Arqueologia. FLUP. (Policopiado).

MEDEIROS, A. C.; PEREIRA, E.; MOREIRA, A. (1980) – *Notícia Explicativa da Folha 9-D (Penafiel)*. *Carta Geológica de Portugal*. Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas. Serviços Geológicos de Portugal.

QUEIROGA, F. (1984) – Escavações arqueológicas em Castelo de Matos – Notícia preliminar. *Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Arqueológicos do Porto. FLUP., n.º9, p.105-116.

REBELO, F. M. S. (1975) – *Serras de Valongo*. *Estudo de Geomorfologia*. Coimbra.

RODRIGUES, M.A.; REBANDA, N. (1995) – Cerâmicas

Medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Tondela*. 1992. Câmara Municipal de Tondela. Porto. p. 51-66.

RODRIGUES, M.A.; REBANDA, N. (1998) – Cerâmicas Medievais do Povoado Desrtificado de St.ª Cruz de Vilarça. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Tondela*. 1992. Câmara Municipal de Tondela. Porto. p.101-126.

SILVA, M. A. (2007) – Cruzeiro da Independência: Testemunho histórico e Religioso. *Actas do Centenário do Nascimento do Monsenhor Moreira das Neves (1906-2006), 17 e 18 de Novembro de 2006*. Câmara Municipal de Paredes (no prelo).

SOUSA, A. (1994) – Tempos medievais. *História do Porto* (Direcção de Luís A. De Oliveira Ramos). Porto Editora, p. 118-253.

SUÁREZ OTERO, J.; GARCIA-LOMAS, R.G.; FARIÑA BUSTO, F. (1984) – La Cerâmica Medieval en Galicia. *La Cerâmica Medieval en el Norte Y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximacion a su estudio*. Leon: Universidad de Leon. P.285-301.

VV.AA. (2006) – Torre/Castelo de Aguiar de Sousa. *Estudo e Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa*.

### Fontes manuscritas

AJFAS - Arquivo da Junta de Freguesia de Aguiar de Sousa: *Livro de Actas da Junta de Freguesia de Aguiar de Sousa (1923-1955)*, 23 de Junho e 14 de Julho de 1940)

IANTT – Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo:

Paróquia de Aguiar de Sousa - *Memórias Paroquiais*. 1758  
Paróquia de Castelões de Cepeda - *Memórias Paroquiais*. 1758

### Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 123 [Material cartográfico], Instituto Geográfico do Exército – Escala 1: 25.000. Série M888., Ed. 4 – IGE – 1999. Lisboa.

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: Folha 9D/ Penafiel [Material cartográfico] Serviços Geológicos de Portugal – Escala 1:50.000. S.G.P. 1981. Lisboa.